



CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES CULTURAIS PELA LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Tatiana Proença Magno Lot

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

E-mail: tatianalot@hotmail.com

Janice Cristine Thiel

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

E-mail: janice.thiel@pucpr.br

RESUMO

A pesquisa que originou o presente artigo teve como objetivo analisar a construção de identidade cultural de mulheres indígenas norte-americanas em seu trânsito pelas culturas ancestral e ocidental na obra **Every day is a good day: Reflections by contemporary indigenous women** (2001), organizada pela autora indígena norte-americana Wilma Mankiller. Para a realização do artigo houve revisão bibliográfica do gênero literário autobiografia e de conceitos chaves como identidade cultural e crítica pós-colonialista. Dentro da obra, três autoras foram selecionadas e suas principais ideias para dialogar com a teoria. Construímos um conjunto das informações presentes nas narrativas das autoras, como a forte ligação dos indígenas a terra, seu senso de comunidade, identidades não individualistas e as marcas deixadas pelo colonialismo. A pesquisa também permitiu uma reflexão sobre a literatura indígena como agente de letramento multicultural. E por fim conclui-se que a obra permite vislumbrar a visão de mundo dessas mulheres, além de transmitir ideais de suas nações para as futuras gerações, contribuindo para a preservação das culturas. Aos não indígenas permite o contato com a alteridade.

Palavras-chaves: Literatura Indígena. Mulheres indígenas. Autobiografia de mulheres indígenas. Construção de identidade.

DEVELOPMENT OF CULTURAL IDENTITIES BY THE CONTEMPORARY INDIGENOUS LITERATURE

ABSTRACT

The research that originated this article had as objective to analyze the development of cultural identities by contemporary north-American indigenous women in the book *Every day is a good day: Reflections by contemporary indigenous women* (2001), by Wilma Mankiller. To accomplish it a bibliographic survey about the literary genre, native autobiography, was made as the key concepts like cultural identity and post-colonial critic to contribute with the

analyses. Three authors were selected and inside their narratives the main ideas to relate with the theory. This ideas were, the strong connection natives have with the land, strong sense of Community, the not individualist identity, and the traces left by colonialism. The research allowed a reflection about how indigenous literature can promote multicultural literacy. In conclusion the book permit to contemplate this women world view and transmit them to future generations. And to the non-natives the contact with alterity.

Keywords: Indigenous Literature. Indigenous women. Autobiografy by indigenous women. Development of identity.

INTRODUÇÃO

O presente artigo originou-se do projeto de iniciação científica da Universidade Pontifícia Universidade Católica do Paraná. A pesquisa visou a leitura e análise de textos produzidos por nativas da América do Norte com o escopo de investigar as construções de suas identidades culturais individuais, como mulheres indígenas atuando em várias áreas, e coletivas, como membros de comunidades indígenas. A obra escolhida como corpus é **Every day is a good day: Reflections by contemporary indigenous women** (2001), organizada pela autora e ativista indígena Wilma Mankiller, a primeira mulher chefe da tribo Cherokee, que também inclui vozes de algumas outras autoras nativas. Escolhemos essa obra por contem vozes de mulheres norte-americanas contemporâneas, de nações indígenas diversas, abordando questões que discutem nos Estados Unidos da América. Para a realização da análise, foram selecionadas três autoras entre as vinte que compõem a obra.

O referencial teórico dos conceitos de identidade e alteridade ajuda a refletir sobre como as indígenas expressam sua percepção de mundo, de si mesmas e dos outros, considerando relações de poder, utilizando elementos multimodais, simbólicos e gráficos diversos, bem como evidenciando suas formações culturais diferenciadas. A discussão abordou aspectos gerais do gênero autobiografia, em especial indígena e narrada por mulheres. Seguiu com a pontuação dos principais aspectos dos discursos das três autoras, Wilma Mankiller, Gail Small e Joy Harjo. Por fim, observamos como o letramento literário e cultural pode ser realizado por meio da literatura indígena.

Assim, o objetivo foi analisar a construção de identidade cultural de mulheres indígenas norte-americanas em seu trânsito pelas culturas ancestrais e ocidentais dentro da obra **Every**

day is a good day: Reflections by contemporary indigenous women (2001), da autora indígena norte-americana Wilma Mankiller.

Para guiar nossa análise, investigamos sobre o gênero em questão: autobiografia escrita por indígenas norte-americanos. Os primeiros textos escritos sobre os indígenas foram entre 1500 e 1900, elaborados por missionários e antropólogos. Todavia, refere-se aos indígenas como inferiores, com descrições ofensivas e degradantes, além de promover pouca compreensão das culturas indígenas. Porém esse *corpus* não mostra a perspectiva indígena, sua epistemologia e propaga mitos negativos em torno do tema, impregnando-os na psique da população. Até mesmo os próprios indígenas têm dificuldade de se livrar dos ideais colonizadores (YOUNGING, 2018).

Houve uma mudança com relação a quem e como era escrita a narrativa sobre os povos indígenas. Com o crescimento da afirmação dos direitos civis e da *soberania* ativista indígena, aumentou o número de estudantes indígenas e cresceram as publicações por autores indígenas. Assim o período entre 1968 e 1995 ficou conhecido por estudiosos como a renascença dos nativos americanos (COX e JUSTICE, 2014).

Dentre os gêneros que os nativos americanos vão explorar, está a autobiografia. Todavia, Krupat (1985) afirma que até a época em que o seu livro estava sendo escrito, havia trabalhos para definir autobiografia como gênero literário do modo como normalmente é entendido, marcado por egocentrismo e individualismo historicamente presentes nas culturas europeias e euromericanas, mas nenhuma ideia de autobiografia levava em consideração as culturas indígenas.

Nas culturas nativas americanas não havia nada que pudesse fazer um paralelo com a noção de autobiografia. Como vários povos ao redor do mundo, os indígenas possuíam registros de diversas experiências pessoais, porém a noção ocidental de registrar a vida da infância até a idade adulta e velhice, da forma mais literal possível, era estranha. O ocidente eurocêntrico possui uma visão bem distinta das culturas que vivem em comunidade. Krupat (1994) relata que tanto a parte auto quanto grafia eram estrangeiros aos povos indígenas e sua literatura vem da tradição oral e da representação pictográfica. Quando os povos indígenas passaram a escrever autobiografias duas culturas muito distintas se encontraram e interagiram. Dessa maneira, o estudo das autobiografias nativas norte-americanas pode ser importante para

nos contar sobre essas culturas e as relações entre elas, principalmente no que se refere às relações de poder (KRUPAT, 1994).

Encontramos também características próprias das autobiografias escritas por mulheres indígenas. A imagem dessas mulheres vinha sendo composta por desinformação, estereótipos e conveniências políticas. Todavia elas são, desde a metade do século passado, figuras ativas em prol de suas nações e tomaram a decisão de escrever suas histórias também para leitores não indígenas. Porém, apesar da grande extensão de autobiografias escritas por mulheres indígenas, há pouca atenção dada a elas pelos estudiosos de literatura. Há marginalização de grande parte das literaturas femininas e a mulher indígena enfrenta estereótipos de diversas instâncias (classe, raça, nacionalidade e o próprio sexo), estando sempre à margem do discurso (BATAILLE e SANDS, 1996).

Analisando as autobiografias escritas por mulheres indígenas, Kurzen (2014), Bataille e Sands (1996) notam que as histórias contadas possuem tantos aspectos pessoais das autoras como das etnias as quais pertencem. Kurzen (2014) aponta para a necessidade de críticos de autobiografias ampliarem o discurso de construção de identidade quando analisam a tradição de auto representação dos Nativos Norte Americanos. Em seus estudos sobre o gênero, percebeu-se que as autoras nativas privilegiavam sua visão, ignorando as noções do eu individual, favorecendo o coletivo e uma identidade mais fluída. A autora também percebe que nas autobiografias de mulheres indígenas contam incluem combinações de gêneros. Pode-se encontrar características além de testemunhos, auto ficção, manifestos políticos, entre outros, os quais transmitem um estado de ser que é ao mesmo tempo pertencente e não pertencente a múltiplas realidades culturais. Nesse processo, as autoras indígenas evitam as noções ocidentais de tempo, identidade e gênero.

Para realizar a análise dos textos selecionados para a pesquisa, o conceito de literatura e identidade nacional de Zilá Bernd (2003) foi fundamental. Sobre o conceito de identidade, para a autora, ele é utilizado em larga escala nas ciências humanas quando se faz a transição de identidade individual para identidade cultural (coletiva). Essa ideia torna-se presente nos estudos literários quando as literaturas ligadas às minorias recusam-se a serem classificadas como literaturas periféricas, conexas e marginais e reivindicam um lugar autônomo dentro do campo instituído.

As literaturas emergentes estabeleceram-se como um desafio para a instituição literária, pois como ainda estão muito próximas de seus passados coloniais, desempenham um papel fundamental de elaboração da consciência nacional. Assim, a literatura dos grupos discriminados preenche espaços vazios na memória coletiva e fornece “os pontos de sentimento de identidade, essenciais ao ato de autoafirmação das comunidades ameaçadas pelo rolo compressor da assimilação” (BERND, 2003, p. 15).

Tais literaturas possuem forte projeto de consolidação identitária, permitindo ao sujeito emergente a consciência de sua história e sua reconstrução. As literaturas de margem têm em essência, esse poder de reforçar as formas onde subsistem as culturas de resistência que segundo a autora é a matéria prima da identidade cultural (BERND, 2003).

Bernd (2003) localiza a apreensão dessa identidade simbolicamente no próprio processo de sua determinação. A consciência de si se dará entre a junção da visão de si, que é incompleta e a visão de outro, a qual é a visão complementar. Assim, tanto a alteridade quanto a identidade se complementam.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa iniciou-se com uma revisão bibliográfica, focando do macro para o micro. Buscou-se primeiramente compreender e caracterizar a literatura indígena norte-americana contemporânea em um contexto geral, analisando a crítica literária que envolve essa literatura. Em seguida, focou-se no gênero literário da obra a ser analisada, a autobiografia escrita por mulheres indígenas norte-americanas. Para compreender o contexto das autoras outros conceitos foram pesquisados para dar suporte para a análise, como o de identidade cultural e pós-colonialismo. Assim as características do gênero, junto ao estudo do contexto dos povos das autoras deram suporte para a análise.

A análise da obra foi realizada após a revisão da literatura, focando as três autoras selecionadas. Seus textos foram analisados observando seus discursos, as características presentes nessas obras do gênero autobiografia. Na análise também foi estudado o conteúdo narrado pelas autoras que indicam como elas percebem suas identidades de mulheres indígenas norte-americanas no século XX.

RESULTADOS

Os principais resultados da pesquisa relacionam-se às reflexões desenvolvidas com base nas análises dos discursos das autoras selecionadas. Primeiramente, temos a organizadora e idealizadora do livro, Wilma Mankiller, em seguida a advogada ambiental Gail Small e por último a poeta Joy Harjo. E por último temos as reflexões sobre o letramento que a literatura indígena pode trazer.

Wilma Mankiller foi a idealizadora do livro **Every day is a good day: Reflections by contemporary indigenous women** (2001) e entrevistou todas as autoras que contribuíram com suas narrativas. Ela expõe seu próprio testemunho sobre os tópicos abordados, porém, em cada capítulo introduz aos leitores reflexões sobre os assuntos, resumindo com suas próprias palavras o que será discutido pelas outras autoras.

A ideia para a construção da obra surgiu durante uma cerimônia, quando lhe foram dadas condições de contar sua experiência a outras pessoas. Ali Mankiller encontrou e ouviu mulheres que admirava e eram líderes de suas comunidades, então se perguntou como poderia compartilhar as experiências de mulheres como elas que lutavam por algo que era maior do que elas mesmas.

Apesar de conviver com mulheres de vários contextos distintos, sua relação com as indígenas, particularmente aquelas que viviam ligadas com a terra e a comunidade, era diferente. A conexão profunda que possuía com essas mulheres se dava pelas experiências de vida em comum, padrões de pensamento e valores compartilhados. Ela também acredita em uma visão mais completa e interconectada da compreensão do mundo. Outras sociedades tendem a organizar tudo em fragmentos e categorias e Mankiller afirma que os indígenas descrevem sua totalidade, conduzindo suas vidas e trabalho dentro do contexto da família, clã, comunidade e nação. Segundo a autora o contexto é tudo.

Mankiller pontua que no século XXI as mulheres indígenas ficaram incumbidas de não apenas dar continuidade a tradições, mas também criar e interpretar as culturas indígenas, principalmente porque neste século o avanço das tecnologias aproximou as pessoas, homogeneizando as culturas. O trabalho da mulher indígena para o benefício das futuras gerações é conectado pela memória de seus antepassados e conectando passado, presente e

futuro, tempos que não são tão distintos quanto nas outras sociedades. O papel da mulher nas comunidades indígenas foi apagado com influência dos colonizadores. Portanto, ela pretende restaurar o equilíbrio entre os papéis masculino e feminino que sempre foram complementares nessas comunidades.

Querer a publicação de histórias de mulheres proeminentes das diversas nações indígenas norte americanas mostra a importância da narrativa tanto para a comunidade indígena, com a transmissão dos valores para as gerações futuras, como para os não nativos, diminuindo a perpetuação de estereótipos.

Na obra, a seção onde são redigidas as narrativas das outras autoras é chamada *Gathering*, reunião em tradução livre. Mankiller relata que mulheres indígenas conversam sempre sobre tópicos semelhantes quando se encontram, como a cultura, comunidade e família. Quando ela entrevistou as autoras presentes na obra, ela quis reproduzir essas reuniões transcrevendo suas falas, procurando levar ao livro o aspecto oral de uma conversa presencial.

Quando criança, Mankiller saiu das terras Cherokee, se afastando de seu povo. Porém sua vida teve grande mudança quando participou da ocupação de Alcatraz, reconectando-se com sua ancestralidade e resolvendo envolver-se mais com os assuntos dos povos indígenas. Um grande senso de comunidade e desejo de luta pelo bem maior de seu povo direcionou Mankiller. Tais ações possivelmente a levaram a ser a primeira Chefe mulher do povo Cherokee. Obter esse posto foi uma grande vitória, tendo em vista as consequências que o colonialismo trouxe para o papel da mulher nas comunidades indígenas. Como ela mesma afirma:

Em tempos históricos, mulheres tinham um importante papel no governo Cherokee e na vida tribal, mas esse papel foi diminuído com o tempo. O povo Cherokee passou a casar com os brancos e adotar seus valores de uma sociedade maior, mulheres gradualmente assumiram papéis secundários (MANKILLER, 2001, p. 102, tradução minha)¹.

¹ In historic times, women played an important role in Cherokee government and in tribal life, but that role had diminished over time. As Cherokee people began to intermarry with whites and adopt the values of the larger society, women increasingly assumed a secondary role (MANKILLER, 2001, p. 102).

Apesar do histórico do povo Cherokee, no qual as mulheres possuem papéis igualitários aos dos homens, ela relata que havia homens que eram contra sua candidatura. Todavia, Mankiller foi eleita a diversos cargos do governo até ser chefe principal em 1991. Quando seu mandato acabou em 1995, ela relata que havia poucas contestações de que mulheres deveriam ter papéis de liderança na nação Cherokee. Se as pessoas eram contra sua liderança, era porque não concordavam com sua política, não por ser mulher. Ela considera que de alguma forma sua candidatura foi um passo à frente para as mulheres e tradições Cherokee de equilíbrio entre homens e mulheres.

Outra autora analisada foi Gail Small, ativista ambiental que luta pela preservação das terras indígena. Dentre os assuntos que ela aborda destaca-se a importância a ligação com a terra e o senso de comunidade. Ela ressalta que para a espiritualidade dos Cheyennes os espíritos que vivem nas fontes de água são como uma força vital para o povo para quem tudo está conectado com fortes orações que protegem a vida. A noção de comunhão e comunidade são tópicos sempre abordados por Small. Sua literatura nos traz vários relatos de como a noção de identidade para os indígenas norte-americanos é atrelada a comunidade da qual fazem parte. Falar de si é então falar de seu povo, de suas tradições e de suas crenças. Small trata ao mesmo tempo de quem ela é e de quem os Cheyennes são. Desde a colonização, os Cheyennes vêm lutando por suas terras, atualmente com as companhias de carvão que querem explorar os recursos naturais das reservas onde moram. Gail Small acredita que, como Cheyenne, não tem escolha a não ser continuar a vida lutando pela terra e cultura de seu povo.

Small considera a vida norte-americana muito fracionada, enquanto ao contrário, seu povo acredita que tudo está centrado no Criador. Os seres humanos ocupam pequenos espaços na grande roda da criação e não há hierarquia. O povo de Small não é humanocêntrico. As pessoas compõem o mundo e tudo que nele existe é igualmente importante.

Todas as informações que conseguimos coletar do discurso de Gail Small nos indicam que proteger sua terra e seu povo lhe dá sentido. Ela conta histórias de como para seu povo o importante é viver e morrer com dignidade. Gail faz parte de uma nação que valoriza a terra em que vive e acredita na espiritualidade da natureza em sua volta. As narrativas de Gail Small nos ajudam a compreender por que ela é ativista ambiental. As guerras fazem parte da vida dos Cheyennes e assim ela se especializa como advogada

ambiental para lutar as batalhas atuais, defender sua terra, comunidade e cultura, que são todos um só.

Por último temos a narrativa da poeta Joy Harjo. Seu discurso é marcado por falas sobre os sofrimentos causados pelo colonialismo. Ela declara que a colonização os ensinou a odiar a si mesmos. Ela complementa afirmando que eles (os indígenas) são ensinados que não são nada até adotar as formas de viver do colonizador. A tensão em que eles são forçados a viver leva ao ódio. Joy fala do seu pai e de outros de sua geração que sucumbiram ao alcoolismo para aliviar a dor de estarem desconectados de sua cultura e comunidade.

Dentre os relatos pessoais narrados por Harjo, ela foca sobre ter um tom de pele mais claro. Apesar de as vezes não ser reconhecida como indígena em uma multidão, nunca questionou sua descendência Muscogee Creek. Porém, quando se envolveu com um homem do Novo México, passaram a chamá-la de “aquela mulher branca” ou “aquela hippie”, fazendo-a sentir muita vergonha.

As identidades atribuídas a Harjo por sua cor de pele também fizeram que fosse confundida com uma mulher branca dentro de uma comunidade indígena. Uma mulher também nativa ameaçou uma criança que se não se comportasse, “aquela mulher branca a levaria embora”(HARJO, in MANKILLER 2001, p. 62, tradução minha ²). Segundo a poeta essa foi uma das piores experiências de sua vida e ainda se pergunta: “O que essa história diz sobre nós?” ³ (HARJO, in MANKILLER 2001, p. 63, tradução minha).

Em seu discurso encontramos uma problemática: a da identidade cultural por características físicas e estereótipos. Harjo teve negada sua identificação como mulher nativa e isso aconteceu também, infelizmente, por pessoas de sua própria comunidade.

O segundo ponto importante do discurso da poeta que ajuda a esclarecer seus pontos de identificação, é a *soberania* dos povos que indica quem eles são para além de como deve ser seu cotidiano e a língua ensinada às crianças. Quando ela se refere à nação é uma nação diferente dos EUA e, portanto, gostaria de viver dignamente dentro de seus costumes e cultura, sem precisar lutar para mantê-los.

²² “...that white person over there was going to come and get him and take him away” (HARJO, in MANKILLER 2001, p. 62).

³ “What does this story tell about us?” (HARJO, in MANKILLER 2001, p. 63).

A família e a história também são pontos notáveis no discurso de Harjo. Em seu discurso, ela relata sobre sua mãe, que foi tratada mal pela família que a criou e procurou a salvação no casamento que infelizmente também foi infeliz por seu marido ser um homem violento. Essa dor de sua mãe, para Harjo era também de sua avó que, por sua vez, vai até o sofrimento dos Cherokee que perderam suas terras. Para Harjo, o cordão umbilical é comprido e fica com ela. Ela acredita que pela ancestralidade as coisas ruins e boas acompanham as gerações. Portanto, ela tem uma jornada emocional e se pergunta como mudá-la. Ela mesma responde que é honrar o caminho que sua mãe fez. A compaixão também é algo bem relevante que Harjo apresenta, fazendo-a conectar-se com as pessoas próximas, com estranhos e com a terra.

Harjo cita compaixão, conexão com antepassados e com a terra, assim como Small, colocando bastante ênfase na comunidade e na terra. Parecem ser essas as palavras chave para estas mulheres nativas. Pelo discurso dessas mulheres o sentimento é outro, cada pessoa é diferente, porém também estão unidas entre elas e com os elementos da terra, pois todas fazem parte desse mundo, sem hierarquias. Essa parece ser uma das mensagens que as autoras desejam enviar para as futuras gerações, que também fazem parte dessa união. Mas também pode ser direcionada aos não indígenas, para melhor entender quem são e como compreendem o mundo.

Every day is a good day é uma obra na qual Wilma Mankiller narra sua vida e compartilha experiências de mulheres que lutam por algo maior. O livro, portanto, é uma oportunidade para pessoas de fora poderem participar de uma conversa entre mulheres nativas enquanto elas falam sobre o amor, a vida, suas famílias e suas comunidades.

No início de cada capítulo Mankiller pontua ao leitor importantes fatos sobre o assunto que será discutido, informando sobre tradições nativas e apresentando de antemão algumas das reflexões das autoras. A seção *gathering* (reunião) tem todas as narrativas, cada uma na voz de cada uma das dezenove mulheres que participaram, incluindo Mankiller, mantendo a característica oral.

O desejo de compartilhar a própria narrativa e de outras é elucidado por Oliveira (2009): as histórias de vida quando compartilhadas pelos nativos incorporam múltiplas narrativas, relações com o mundo, histórias das etnias, imaginação e as vezes incorporando imagens e desenhos. Contar histórias sobre alguém não se baseia em datas importantes dentro

de uma linha temporal. O intuito é como essas histórias podem se entrelaçar para criar caminhos para um futuro coletivo.

Quando focamos nos conteúdos presentes nos discursos das autoras temos afirmações de tradições das culturas indígenas norte-americanas, formas de ver o mundo e testemunho das consequências do colonialismo. Não é coincidência que ambas: Wilma Mankiller e Gail Small frisam fortemente a conexão com a terra e a importância desta para suas formações como pessoa. Krupat (2002) relata que apesar dos autores indígenas serem provenientes de diversas nações e culturas distintas, há um notável nível de consciência compartilhada e uma visão de mundo identificável e notável em vários autores indígenas. Os princípios que guiam as culturas nativas possuem semelhanças. Esses princípios, conhecimentos, códigos de valor, consciência compartilhada e visão de mundo são derivados da relação especial que os povos indígenas possuem com a terra.

Mankiller pontua exatamente essa questão: sua relação com mulheres indígenas é diferente justamente por compartilharem valores, histórias e forte relação com a terra. Para Stevenson (1998 apud KRUPAT, 2002) os indígenas são espiritualmente ligados a um local e eles nunca abandonam os ossos de seus ancestrais. Cada montanha, rio, floresta possui histórias ancestrais e contam como os indígenas relacionam-se com eles e entre si.

Portanto, a conexão com a terra é refletida em vários textos escritos por indígenas, faz parte da construção de quem são e traz uma importante reflexão. Povos que têm uma profunda ligação com o local em que moram e de onde vieram se conectam também com as plantas e animais. Desde o início da colonização das Américas eles foram relocados de forma violenta e sem consentimento. Essa ligação com o local em que estão ajuda-os a construir quem eles são e a identificar quais os danos que causaram às suas identidades por serem forçados a mudarem para locais onde não havia essa conexão. E depois de anos criam uma relação com este novo local, mas organizações como o próprio governo e companhias querem relocá-los novamente ou explorar suas terras de forma destrutiva.

O colonialismo não os forçou apenas a serem relocados à força e violentamente. Os preconceitos derivados do desrespeito a suas culturas também deixaram marcas na percepção de si. Na narrativa de Joy Harjo ela conta que por ter tom de pele mais claro, foi chamada de *hippie* por pessoas brancas e considerada branca por outros indígenas. Como ela não se encaixa no estereótipo de indígena, tentaram colocá-la em outro, no caso, de *hippie*. O

estereótipo é uma das manifestações do discurso colonial que, para Bhabha (2013), possui uma “fixidez” na construção ideológica. Para o autor, no discurso colonial há o reconhecimento da diferença cultural e racial, mas há o seu repúdio fixando tudo aquilo que não é familiar a algo estabelecido – o estereótipo – de uma maneira que é repetitiva e que manifesta ao mesmo tempo prazer e medo.

A autora pontua como as consequências disso são o preconceito e o racismo. A identidade dada a Harjo pelos outros está na lógica binária citada por Bhabha (2013) e retomada por Bernd (2003) de que são apenas termos opositivos (branco *versus* negro ou homossexual *versus* heterossexual). Para sair da lógica binária a solução é a introdução de um terceiro espaço chamado de intersticial por Bhabha, que funciona como uma entre-lugar que engloba as posições e as ultrapassam. O contexto multiétnico, plurilíngue e culturalmente heterogêneo das Américas precisa ser aceito para que esse entre-lugar citado por Bhabha (2013) possibilite a construção de identidades.

Quando Harjo relata essas experiências e expõe inclusive como se sentiu, ela faz um movimento muito importante. Ela denuncia o racismo, compartilha a experiência e transmite uma mensagem muito importante tanto para outras pessoas indígenas como para não indígenas. Os estereótipos e preconceitos permeiam a mente tanto do colonizado quanto do colonizador, delatando exatamente a formação de identidade fixa e mútua excludente citada por Bernd e Bhabha.

Harjo e Mankiller possuem também uma preocupação sobre a identidade cultural no século XXI, que pode ser comparada às ideias de Hall (2006) sobre a construção da identidade cultural. Harjo procura uma identidade unificada de sua nação. Ela afirma que a unificação sob a soberania indica quem eles são e os diferencia dos EUA. Porém, segundo Hall (2006), na pós-modernidade é difícil encontrar nações que não sejam híbridas culturalmente. Contudo, comunidades que tiveram em sua história a integração de costumes, língua e outros aspectos culturais impostos de outra cultura, como podem retomar sua cultura quando o mundo se encontra em um momento de hibridismo cultural.

Por fim frisamos a importância das narrativas e contação de histórias por essas mulheres. Uma narrativa escrita por mulheres indígenas é de extrema relevância, principalmente considerando que, segundo Bonnici (2000), nas sociedades pós-coloniais a mulher foi duplamente colonizada, perdendo seu espaço e sendo alvo de objetificação por questões de

raça, classe, repetição, fantasias europeias e da legislação falocêntrica. Consequentemente, a mulher é marginalizada e o discurso pós-colonial e do feminismo vai procurar reintegrá-la. Bonnici (2000) acredita que a estratégia mais eficaz para descolonização feminina se concentra no uso da linguagem e experimentação linguística, sendo o movimento que as autoras da obra procuram também fazer: reconstruir o equilíbrio do papel do homem e da mulher nas sociedades indígenas.

Ler narrativas fora do canône e principalmente de autoras provenientes de culturas tão distintas deixa marcas e abre possibilidades de conhecimentos e experiência únicas. A realização da análise de **Every day is a good day** permitiu um encontro com a alteridade. A literatura possibilita esse encontro com o diferente e tal experiência promove também um multiletramento.

Por vivermos em uma idade multicultural, as autobiografias escritas por indígenas são importantes não somente pelo interesse intrínseco, mas por prover uma visão diferente, alternativa ou até mesmo radicalmente distinta dos termos autobiográficos. O “eu” dos indígenas é ligado aos outros, ao contrário dos não nativos que definem o “eu” em contraposição ao outro. Os nativos americanos se definem como pessoas que se integram aos grupos sociais relevantes (parentes, clã) de suas respectivas sociedades (KUPART, 1994).

Thiél (2013) complementa essa ideia de que o contato com o outro, esse outro diferente, nos faz reavaliar também internamente e perceber que o outro também faz parte de nós e constrói nossa identidade. Aquele que é estrangeiro desestabiliza, gerando um caos, mas também permite uma realocação individual ou coletiva. A literatura indígena nos permite o encontro com a alteridade e nos desafia e proporciona conhecer ideias e culturas até então estrangeiras que nos fazem repensar inclusive nossa própria identidade.

A pesquisa teve como objetivo analisar a identidade cultural de mulheres indígenas norte americanas a partir da obra **Everyday is a good day**. Portanto, conclui-se que a leitura da obra possibilitou identificar aspectos importantes trazidos pelas autoras como identidades não focadas no individual, mas na comunidade, ligações fortes com a terra e ancestralidade. Também denunciou consequências de uma história marcada pela violência da colonização e identidades marcadas pelo preconceito e negação de alteridade.

A obra reforça as visões de mundo dessas mulheres, os valores e prioridades que formam quem elas são. Assim, transmitem esses ideais de suas nações para as futuras gerações,

contribuindo para a preservação das culturas indígenas, movimento importante devido ao passado colonizado, quando tiveram suas culturas subjugadas. Finalmente, para os não indígenas, o contato com a alteridade e diferentes formas de percepção de mundo contribui para sermos leitores multiculturais na construção de nossa própria identidade.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, G. M. e SANDS, K. M. Women's Autobiography. In: WIGET, Andrew. **Handbook of native American Literature**. Nova Iorque e Londres: Garland Publishing, Inc, 1996
- BERND, Z. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003
- BHABHA, H. K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BONNICI, T. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2000
- COX, J. H. e JUSTICE, D. H. **The Oxford Handbook of Indigenous American Literature**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2014.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- KRUPAT, A. **For Those who come after**: A Study of Native American Autobiography. Londres: University of California Press, Ltd, 1985.
- _____. Introduction. In: KRUPAT, Arnold (ORG). **Native American Autobiography**: An anthology. Madison: The University of Wisconsin Press, 1994.
- _____. **Red Matters**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2002.
- KURZEN, C. M. Toward a native American women's autobiographical tradition: Genre as political practice. In: COX, J. H. e JUSTICE, D. H. **The Oxford Handbook of Indigenous American Literature**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2014
- MANKILLER, W. **Every day is a good day**: Reflections by contemporary Indigenous women. Golden: Fulcrum Publishing, 2001
- OLIVEIRA, M. R. **Weaving Life Stories**: Healing selves in native American autobiographical narratives. (tese – doutorado em Filosofia). Programa de pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009



THIÉL, J. C. A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. **Educação & Realidade**, v.38, n.4, Porto Alegre, out./dez. 2013, p.1175-1189. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n4/09.pdf>> acessado em: 05/07/2020

YOUNGING, G. **Elements of Indigenous Style**: A guide by and about indigenous peoples. Edmonton: Brush Education, Inc, 2018.